



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL -
LICENCIATURA

FRANCIELE BÖTTGER

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM DICIONÁRIOS GAÚCHOS:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Cerro Largo

2018

FRANCIELE BÖTTGER

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM DICIONÁRIOS GAÚCHOS:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Caroline Mallmann Schneiders

Cerro Largo

2018

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Böttger, Franciele

A produção de sentidos em dicionários gaúchos: : uma análise discursiva/ Franciele Böttger. -- 2018.
39 f.:il.

Orientadora: Caroline Mallmann Schneiders.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Letras
Português / Espanhol - Licenciatura , Cerro Largo, RS,
2018.

1. Efeitos de Sentido. 2. Dicionário. 3. Língua. I.
Schneiders, Caroline Mallmann, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FRANCIELE BÖTTGER

**"A PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM DICIONÁRIOS GAÚCHOS: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA"**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Profa. Dra. Caroline Mallmann Schneiders

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
05/07/2018

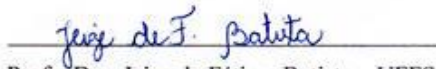
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Caroline Mallmann Schneiders - UFFS



Profa. Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves- UFFS



Profa. Dra. Jeize de Fátima Batista – UFFS

Dedico este trabalho à memória do meu querido pai, que, mesmo partindo cedo, pôde me agraciar com seus ensinamentos.

RESUMO

No presente estudo, propomos desenvolver uma reflexão em torno de dicionários gaúchos, a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos por essa materialidade. Nosso interesse centra-se na problematização da produção de sentidos em torno do imaginário/representação do sujeito gaúcho / gaúcha nesses dicionários. Para desenvolver essa pesquisa, nosso objeto de estudo é constituído por três dicionários regionalistas, sendo eles: i) *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003) de Batista Bossle; ii) *Dicionário Gaudério* (2011) de Luís Augusto Fischer e Iuri Abreu; iii) *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (1984) de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes. Diante desse objeto, mobilizamos nosso *corpus* de análise, o qual é composto pela análise das capas, dos prefácios e de verbetes. Para tanto, filiamos-nos nos pressupostos teóricos metodológicos da História das Ideias Linguísticas vinculada à Análise de Discurso, por meio das quais constituímos nosso dispositivo teórico e analítico da presente pesquisa, com o objetivo de realizar gestos de interpretação em relação ao *corpus* de análise. De acordo com essa base teórica, mobilizamos, em específico, os conceitos de sujeito, discurso, ideologia, historicidade, condições de produção e efeitos de sentido, os quais constituem nosso dispositivo analítico. Desse modo, o dicionário é entendido como um discurso sobre a língua que leva em consideração aspectos histórico, sociais e ideológicos. Com base nisso, foi possível realizar gestos de interpretação que nos possibilitaram compreender que há um imaginário em torno da figura do sujeito gaúcho e gaúcha que visa a naturalizar os sentidos por meio dos dicionários regionalistas.

Palavras-chave: Efeitos de Sentido. Dicionários. Língua.

RESUMEN

En el presente estudio, proponemos desarrollar una reflexión en torno de los diccionarios gauchos, a fin de comprender los efectos de sentido producidos por esa materialidad. Nuestro interés centrarse en la problematización de la producción de sentidos en torno del imaginario / representación del sujeto gaucho / gaucha en esos diccionarios. Para desarrollar esa investigación, nuestro objeto de estudio es constituido por tres diccionarios regionalistas, siendo ellos: i) Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) de Batista Bossle; ii) Dicionário Gaudério (2011) de Luís Augusto Fischer y Iuri Abreu; iii) Dicionário de Regionalismos de Rio Grande do Sul (1984) de Zeno Cardoso Nunes y Rui Cardoso Nunes. Ante este objeto, movilizamos nuestro corpus de análisis, el cual está compuesto por el análisis de las tapas, de los prefacios y de los artículos. Para eso, nos afiliamos en los presupuestos teóricos metodológicos de la Historia de las Ideas Lingüísticas vinculada al Análisis del Discurso, por medio de las cuales constituimos nuestro dispositivo teórico y analítico de la presente investigación, con el objetivo de realizar gestos de interpretación en relación al corpus de análisis. De acuerdo con esa base teórica, movilizamos, en específico, los conceptos de sujeto, discurso, ideología, historicidad, condiciones de producción y efectos de sentido, los cuales constituyen nuestro dispositivo analítico. De ese modo, el diccionario es entendido como un discurso sobre la lengua que lleva en consideración aspectos histórico, sociales e ideológicos. Con base en eso, fue posible realizar gestos de interpretación que posibilitaran comprender que hay un imaginario en torno de la figura del sujeto gaucho y gaucha que apunta a naturalizar los sentidos por medio de los diccionarios regionalistas.

Palabras-clave: Efectos de Sentido. Diccionarios. Lengua.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS E ANÁLISE DE DISCURSO: algumas considerações.....	11
2.1	RELAÇÃO DISCURSO, SUJEITO E IDEOLOGIA.....	15
2.2	SUJEITO E HISTORICIDADE.....	18
3	GESTOS DE INTERPRETAÇÃO SOBRE OS DICIONÁRIOS GAÚCHOS	21
3.1	OS VERBETES E O IMAGINÁRIO SOBRE O SUJEITO GAÚCHO/GAÚCHA: alguns efeitos de sentido.....	26
4	CONCLUSÃO.....	32
	REFERÊNCIAS	34
	ANEXOS.....	36
	Anexo 1 Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) de Batista Bossle.	36
	Anexo 2 <i>Dicionário Gaudério</i> (2011) de Luís Augusto Fischer e Iuri Abreu.....	38
	Anexo 3 Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul (1984) de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes.	39

1 INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho, exploramos a importância que a língua tem como fonte geradora de sentidos, sendo considerada patrimônio cultural e histórico de um povo, nesse caso, de uma região, que é o Rio Grande do Sul, marcada e reconhecida por ter um linguajar próprio. A partir dessa afirmação, temos como interesse propor alguns gestos de leitura que visam desmistificar e/ou reafirmar a imagem do sujeito gaúcho (a) através de análise em dicionários gaúchos.

A escolha por dicionários gaúchos ocorre pelo fato de a “língua” ali encontrada fazer parte de nosso contexto no dia-a-dia, porém, por vezes, desconhecemos essa língua que nos constituiu. Para observar e refletir questões, como: Qual imagem do sujeito é representada nos dicionários?; Como ocorre a produção de sentidos na materialidade em questão?; Como elementos constitutivos do dicionário (capa, prefácio, verbetes) nos ajudam a compreender a imagem do gaúcho existente nas obras? , mobilizamos, como objeto de estudo, três dicionários regionalistas, sendo eles: *Dicionário Gaudério* (2011), de Luís Augusto Fischer e Iuri Abreu; *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (1984), de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes; e, por fim, *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003), de Batista Bossle.

A partir dessas materialidades, procuramos desconstruir a ideia de que a palavra significa apenas aquilo que está no dicionário, quando, na verdade, os sentidos encontrados nessa materialidade são inúmeros, vinculados a questões históricas e ideológicas. Para considerar essa multiplicidade de sentidos, é necessário um estudo que busque investigar o contexto de produção, a relação sócio-histórica presente na constituição discursiva. Segundo Orlandi, “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (2015, p. 13), assim, se propõe o estudo da história, do homem, da língua, para assim compreender o que constitui a língua que utilizamos.

Nesse sentido, ao longo do trabalho, percorremos pelos percursos da palavra encontrada no dicionário, com o intuito de explorar os sentidos possíveis para melhor compreender como ocorre a relação do sujeito com a sociedade e a história, pois “a gramática, o dicionário são objetos de conhecimento determinados sócio-historicamente” (ORLANDI, 2001, p. 09).

Nessa perspectiva, os dicionários ditos gaúchos trazem representado o linguajar dos falantes da região sul, desse modo, podem ser considerados uma forma de

preservar esse léxico, tão tradicional aos gaúchos. O povo gaúcho é tradicionalmente conhecido por valorizar e preservar a sua cultura, com relação a isso, podemos citar o chimarrão, o churrasco, a bombacha e o vestido de prenda, o cusco (cachorro) e o cavalo (tordilho), e evidentemente, a língua. O sujeito pode estar em qualquer lugar do país, que as pessoas perceberão, em sua fala, aspectos que marcam sua origem, como sotaque e expressões típicas.

Assim, Nunes destaca que o dicionário possibilita “observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas” (2006, p. 11). Como já mencionado, provavelmente um gaúcho será reconhecido, em outro estado, pelo seu modo de falar, o mesmo ocorre com nordestinos e cariocas, por exemplo. A fala/língua faz parte da cultura de cada região, conhecer a língua nos possibilita conhecer todo um povo. Esses exemplos não são regras, até por que não são todas as pessoas que apresentam a fala tão marcada de acordo com a região em que vivem.

Assim, no decorrer desse trabalho, buscamos articular a perspectiva da História das Ideias Linguísticas com a Análise de Discurso e, assim, desenvolver uma reflexão em torno de dicionários gaúchos, a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos por essa materialidade. Nosso interesse centra-se, portanto, na problematização da produção de sentidos em torno do imaginário/representação do sujeito gaúcho / gaúcha que os dicionários denominados gaúchos veiculam, a partir da análise do prefácio, verbetes e capas dessas discursividades.

Com isso, propomos lançar gestos de leitura sobre os dicionários, os quais, para nós, são instrumentos linguísticos, entendendo-os como fonte de constituição do saber e da língua, com o intuito de compreender os possíveis efeitos de sentido materializados nesses dicionários, explicitando que nem toda palavra significa apenas o que está proposto no dicionário, pois é marcada ideológica e historicamente.

2 HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS E ANÁLISE DE DISCURSO: algumas considerações

A História das Ideias Linguísticas (HIL) surge, no Brasil, na década de 1980, a partir de projetos e pesquisas coordenados pela Prof.^a Dr.^a Eni Orlandi no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Os estudos desenvolvidos por essa perspectiva tinham inicialmente o intuito de abordar questões relacionadas à história da língua portuguesa. Desde então, passou-se a desenvolver estudos que abrangem os denominados instrumentos linguísticos, conhecidos por dicionários e gramáticas, instrumentos esses que ajudam a compreender a história da língua, pois o conteúdo que está disposto nessas materialidades é indispensável para conhecermos a língua.

Nesse sentido, Orlandi defende que o trabalho realizado com a pesquisa na área da HIL se constituiu da seguinte maneira:

Tomamos inicialmente como objeto de observação os instrumentos linguísticos: dicionários (monolíngues e bilíngues) e gramáticas. Trabalhamos com a gramatização da língua portuguesa, centrando nossa atenção sobre a emergência das primeiras gramáticas da língua portuguesa no Brasil, produzida por brasileiros. Analisamos a forma das gramáticas, as suas denominações, as suas partes constitutivas, as suas diferentes edições, notas, prefácios etc. Analisamos o lugar dado aos comentários semânticos, lexicais, de natureza regional etc. no corpo da própria gramática. (ORLANDI, 2001, p. 16).

Fundamentado na HIL, é permitido estudar o saber linguístico que constitui uma língua, não só a língua como também a história, indispensável para compreender a constituição de nossa língua, além do tempo e espaço. O saber linguístico aqui enunciado, de acordo com Nunes, refere-se a “um saber que funciona na aquisição dos domínios da escrita, da língua e da enunciação. Buscar conhecer a historicidade dos dicionários implica considerar sua existência (aparecimento, transformação, substituição) no tempo e no espaço”. Dessa forma, é proposta uma análise que se interesse por elementos tanto da historicidade, da escrita e da sua produção, para compreender os efeitos de sentido que norteiam os dicionários, mais especificamente, os regionalistas.

Com base na proposta deste trabalho, realizamos uma articulação entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso, voltando o nosso olhar para a constituição do dicionário regionalista. Porém, o que vem a ser um dicionário? O

dicionário vai além de uma lista de palavras com definições e exemplos. De acordo com Nunes (2010), ele “é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas”. Isto é, o dicionário é visto como discurso, que acompanha as mudanças que ocorrem na língua, pois sofre a influência da historicidade.

Segundo essa perspectiva, concebemos, a partir de Auroux (1992, p. 65), “o dicionário como tecnologia, que descreve e instrumenta uma língua”, ou seja, trata-se de um instrumento linguístico. Auroux trabalha com a definição de gramatização, como sendo “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (1992, p. 65).

Neste sentido, Auroux fala das revoluções tecnológicas, sendo a primeira referente à criação da escrita, que se tornou um meio de comunicação entre as pessoas, gerando assim inúmeras mudanças nas sociedades, além de contribuir significativamente, para os estudos que envolvem as ciências da linguagem. A segunda criação da chamada revolução tecnológica são os dicionários e as gramáticas, instrumentos de identificação da língua e dos sujeitos que a constituem.

Assim, o presente trabalho tem como objeto de análise o dicionário, visto como objeto discursivo, ou seja, histórico e ideológico, propondo uma reflexão a respeito de língua e sujeito, problematizando a produção de efeitos de sentido. Desse modo, partimos, conforme a perspectiva da Análise de Discurso (AD), da seguinte questão: “como este texto significa?” (ORLANDI, 2001, p.16), procurando não uma única forma de significação, mas sim as diferentes interpretações que podem ser extraídas de um texto, promovendo gestos de interpretação.

Buscamos, com o desenvolvimento de nossas análises, articular essas duas perspectivas para refletir sobre os movimentos de sentido nos dicionários. Nesse sentido, retomamos Nunes (2008) que afirma que:

a AD se constitui como um modo de leitura, sustentado por um dispositivo teórico e analítico, que considera a historicidade dos sujeitos e dos sentidos, ela traz uma contribuição considerável para o estudo da história das ideias linguísticas. Tomando as diversas formas de discurso sobre a(s) língua (s) para análise, efetuam-se leituras que remetem esses discursos a suas condições de produção, considerando-se a materialidade linguística na qual eles são produzidos e evitando-se tomá-los como documentos transparentes

ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. Tais discursos atestam, de fato, modos específicos de se produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas (NUNES, 2008, p. 110).

Assim, o viés discursivo possibilita uma leitura dos discursos, considerando a historicidade dos sujeitos e dos sentidos. Sendo assim, para problematizar a produção de efeitos de sentido em torno do imaginário/representação do sujeito gaúcho / gaúcha, em dicionários denominados gaúchos, faz-se necessário refletir sobre o conceito de sujeito.

Para a AD, o sujeito é determinante para a constituição do discurso e dos sentidos, conforme afirma Orlandi (2015):

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz efeitos (p. 46).

Assim sendo, quando tratamos do discurso, não podemos deixar de tratar a questão do sujeito, visto que não existe discurso sem sujeito. Além disso, não podemos deixar de enfatizar as condições de produção, pois estas estão na base, por assim dizer, da constituição do discurso. Segundo Nunes (2006), essas condições de produção podem ser consideradas como “formações sociais e os lugares que os sujeitos aí ocupam” (p. 19).

De acordo com Orlandi (2015), as condições de produção envolvem tanto os sujeitos quanto à situação, além de mais, podemos considerá-las em seu contexto imediato e contexto amplo. Segundo a autora, podemos considerar o contexto imediato como sendo o agora, enquanto, quando nos referimos ao contexto amplo, devemos levar em consideração o contexto sócio-histórico e ideológico. O contexto amplo faz referência a formulações já feitas e esquecidas, mas que fazem parte da história, já o contexto imediato, remete à enunciação, ao agora.

Nesse sentido, para refletir sobre as condições de produção dos dicionários em análise, podemos nos reportar ao prefácio dos mesmos, objeto que nos permite conhecer o contexto de produção dessas materialidades, bem como o objetivo da obra, estrutura e características. Ou seja, o dicionarista explana, no prefácio, elementos histórico-ideológicos, o porquê da criação de tal dicionário, bem como suas

motivações e intenções com a obra, além de sua posição, em relação ao conteúdo a ser explanado no dicionário.

De acordo com Nunes (2010), o prefácio nada mais é do que a parte introdutória presente em algumas obras, que “constituem um material fundamental para a análise das condições de produção do discurso e da posição do lexicógrafo” (p. 33). Levando em consideração que o dicionário, visto como objeto discursivo, é um lugar de construção, desconstrução e reconstrução de sentidos, pois o sujeito que escreve o prefácio se atenta ao seu papel no mundo, afinal, a língua é a mediação entre o mundo e o homem.

Em relação à constituição dos dicionários, utilizamos o prefácio das materialidades em questão. Segundo o autor do *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, Batista Bossle, para a constituição do mesmo foi necessário:

Foi uma década e meia de muita pesquisa. **Minha fonte recorrente foram, sobretudo, os CD's**, que aos poucos fui adquirindo – e, ao mesmo tempo, eu procurava literatura para fundamentar as definições e ampliar o leque de vocábulos fixados. **Além de contar, é claro, com a ajuda dos amigos, foi necessário contatar diversos pesquisadores, autores, professores, compositores, cantores, gente, em suma, ligada ao tradicionalismo gaúcho.** [...] O *Dicionário gaúcho brasileiro* contém um pouco **mais de 10 mil termos e expressões com mais de 1.400 exemplos práticos** recolhidos, quase que em sua totalidade, das canções gaúchas, de sorte que na obra **são citados mais de 400 autores, compositores, cantores, músicos, intérpretes, etc.** (2003, p. 7) (grifo nosso)

Observando os trechos destacados, percebemos a intenção do autor em destacar a quantia significativa de termos encontrados no dicionário, bem como, evidenciar que foi um trabalho de muita pesquisa, em que foram consultados mais de 400 autores. Desse modo, o diferencial do dicionário seria o grande número de verbetes, além da credibilidade de contar com a ajuda de pesquisadores, autores, professores, etc.

O mesmo pode ser percebido no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (1984), de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, já que, para os autores, o trabalho de constituição ocorreu através de diversas fontes,

A obra pretende **abraçar todas as tropilhas vocabulares. É fecunda em termos e modismos, ensejando uma ampla visão do panorama dialetal gaúcho.** Aos poucos, porém, se foi enriquecendo com **palavras e expressões colhidas não só na linguagem falada no território rio-grandense, que tivemos a oportunidade de percorrer e de auscultar de ponta a ponta, mas, também, em centenas de obras, em prosa e verso,**

por nós compulsadas, entre as quais os dicionários, vocabulários e glossários já vindos à luz, principalmente os de Antônio Álvares Pereira Coruja, José Romaguera Corrêa, Roque Callage e Luiz Carlos de Moraes.(grifo nosso)

A obra dos irmãos Cardoso Nunes, em sua apresentação da obra, utiliza uma linguagem, por assim dizer, mais poética, por exemplo, na expressão: “abraçar as tropilhas vocabulares”, utilizando assim de uma linguagem mais metafórica. Percebemos, também, a intenção em destacar que o dicionário é resultado de muita pesquisa em obras, mas também pesquisa na linguagem falada no território rio-grandense.

Por fim, a obra de Luís Augusto Fischer e Iuri Abreu, *Dicionário Gaudério*, diferente dos demais, não possui prefácio.

Como pode ser observado no prefácio dos dicionários citados, os autores destacam o quanto o outro, outras materialidades, outras vozes, são indispensáveis para a construção da obra. O que é apresentado ao longo do dicionário não é algo totalmente novo, pois sempre vem com uma carga histórica e social, que constituiu, altera e transforma a palavra, em uma nova forma de significar. A experiência do real, a contribuição de outras vozes, a consulta em materiais considerados mais fundamentados, como a literatura, são descrições que aparecem em dois dos dicionários, fazendo com que estes sejam marcados por uma historicidade.

Retomando os prefácios dos dicionários em análise, observamos que os mesmos são resultado de um longo processo de pesquisa referente aos verbetes encontrados nessas materialidades. Também houve preocupação dos autores em preservar esse vocabulário que envolve o gaúcho, pois a língua é cultura e história.

Tendo em vista essas questões, interessa-nos, na sequência, refletir sobre alguns conceitos importantes para compreendermos os efeitos de sentido da materialidade discursiva em análise.

2.1 RELAÇÃO DISCURSO, SUJEITO E IDEOLOGIA

Nesse estudo, realizamos uma articulação entre a História das Ideias Linguísticas (HIL) e a Análise de Discurso (AD), tal como vem sendo realizado nos estudos brasileiros nas últimas décadas. A AD surge com o pressuposto de que a linguagem tem muitas maneiras de significar, a linguagem não é neutra. A partir

dessa perspectiva, foi possível “conceber a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2015, p. 13), é inegável a relevância da Análise de Discurso para a constituição do homem e da sociedade, afinal, somos seres sociais e ideologicamente constituídos.

Essa relação entre discurso, sujeito e ideologia, segundo Orlandi, permite-nos considerar que “não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer?” (2015, p. 43), evidenciando que, no momento em que realizamos a interpretação, o sentido já vem acompanhando, pois faz parte da palavra, confrontando o homem com as condições materiais de existência.

O discurso é constituído por um sujeito, e este assume determinada posição-sujeito em relação ao discurso materializado. Esta posição representa uma posição ideológica, a qual, no nosso caso, indica que a posição assumida vai afetar o modo como se constitui o imaginário em torno do sujeito gaúcho e gaúcha que estão representados/materializados nos dicionários regionalistas.

O processo de compreensão da constituição do sujeito reforça a questão da ideologia, uma vez que, ao compreendermos essa constituição, vamos ao encontro de questões sociais, afinal, cada um de nós é constituído de uma identificação ideológica, a qual se materializa somente por meio dos discursos. Pela identificação ideológica é que o indivíduo se constitui com sujeito do discurso, ou seja, é a partir da interpelação ideológica que temos sujeitos ideologicamente constituídos, levando em consideração que todo sujeito e discurso é assujeitado pela ideologia.

Com relação ao conceito de identificação, “as identidades resultam desses processos de identificação dos sujeitos trabalhados nos discursos” (ORLANDI, 2007), ou seja, os sujeitos são interpelados pela ideologia, e esta determina a memória discursiva, o que é dito e o que não é dito no discurso. Isso aponta para o fato de que o sujeito é determinado pelo que já é existente.

A questão da ideologia é muito presente na Análise de Discurso, uma vez que a ideologia nos leva a refletir sobre a linguagem, assim verifica-se uma definição discursiva de ideologia. Com a ideia de que a compreensão de ideologia “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 44), afirmamos que o sujeito é capaz de interpretar, quando diante de qualquer objeto simbólico, buscando o significado das palavras e das coisas. Então, não há sentido sem interpretação, ou seja, sem ideologia.

Assim, concluímos que não há como existir discurso sem sujeito e ele é constituído por uma ideologia, que tem por objetivo orientar seu discurso. Visto dessa forma, a ideologia vem a ser o elo entre linguagem e mundo, possibilitando ao sujeito refletir, interpretar e buscar os sentidos das palavras e das coisas. Para compreender essa relação entre sujeito e ideologia, temos que seguir a lógica de que o sentido e a interpretação são determinados pela ideologia, sendo inseparável e indispensável para a produção do discurso.

Dito de outra forma, acreditamos que o sujeito ocupa um lugar no espaço social, como tal, é capaz de produzir discursos, sendo afetado pelo lugar e tempo histórico, indo ao encontro dos discursos do outro. Muitas vezes, acreditamos que os discursos se originam em nós, que somos os primeiros a produzir tais palavras, porém, o que ocorre é um processo de esquecimento involuntário, onde, estamos sempre esquecendo o que já foi dito e nos constitui.

Nesse seguimento, Orlandi (2015) afirma que o esquecimento, tanto ideológico quanto enunciativo:

É parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. As ilusões não são “defeitos”, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos “esquecem” que já foi dito (...) para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que (...) retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles (...) sentidos e sujeitos estão em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (ORLANDI, 2015, p. 34).

Explicando de outro modo, ao produzirmos tal discurso, na verdade, estamos retomando sentidos já existentes, ou seja, um efeito ilusório, quando o sujeito acredita que as palavras pronunciadas significam apenas aquilo que queremos dizer.

Assim, outra noção que merece destaque em relação à noção de sujeito diz respeito ao esquecimento. De acordo com Pêcheux (1988 [1975] p. 163), “o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina”. O esquecimento, de acordo com Pêcheux, está dividido em dois esquecimentos. O primeiro esquecimento determina que “o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (Ibid., p. 173), ou seja, o sujeito tem a ilusão de ser a fonte do seu dizer, porém, não é o que de fato ocorre, afinal, todo dizer já foi dito anteriormente.

O segundo esquecimento se refere ao fato de que as palavras “mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (Ibid. p. 160), novamente, o sujeito possui a ilusão de que consegue escolher as palavras e ideias para se expressar, controlando assim os sentidos. Em relação à questão de sentido, o mesmo não é algo fixo, pois depende da interpretação do leitor.

Considerando os dicionários, compreendemos que o discurso está sempre ancorado em outros dizeres e que não controlamos os sentidos, uma vez que, cada transmissor e receptor, interpretarão de um modo. Não há como garantir que o receptor “receberá” exatamente a mensagem que seu transmissor está enviando, afinal, há aspectos como históricos e sociais, que interferem no sentido da mensagem, na relação texto/discurso/leitor.

2. 2 SUJEITO E HISTORICIDADE

A questão da produção de sentidos, ao trabalharmos com dicionários, é fundamental, e esta é, por sua vez, vinculada à memória discursiva ou interdiscurso. De acordo com Orlandi, “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é feito do interdiscurso” (2015, p. 31), dessa forma, o interdiscurso representa tudo que já foi dito, mesmo que esquecido, mas que produz sentidos. A partir desse processo, entendemos a memória discursiva, que compreende os sentidos construídos e já manifestados pelos sujeitos.

A memória discursiva aponta para o fato de o discurso ser constituído por uma historicidade, e esta se coloca como fator determinante para a realização do estudo com foco nos dicionários, que “como todo discurso, o dicionário tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente constituídos” (NUNES, 2006, p. 18). Para compreendermos o conceito de historicidade, temos que levar em consideração a exterioridade.

Para Orlandi, são estabelecidas “determinações históricas que constituem as condições de produções materiais e a realidade imaginária dos sujeitos com essas determinações” (2004, p. 39), e, a partir disso, entendemos que a exterioridade afeta o discurso, produzindo efeitos de sentido. Consideramos que a noção de historicidade e história estão relacionadas, porém são distintas, pois o que ocorre é uma “ligação

entre a história lá fora e a historicidade do texto (trama de sentidos nele), mas ela não é nem direta, nem automática, nem causa e nem efeito, e nem se dá termo a termo” (ORLANDI, p. 55), isto é, através da análise da historicidade, podemos concluir que o texto, ao produzir sentidos, é cruzado por inúmeras formações discursivas.

As formações discursivas indicam as formações ideológicas no que se refere ao discurso, uma vez que consideramos que as palavras não possuem sentido nelas mesmas, mas, sim, dependem das formações discursivas a qual são inscritas. Desse modo, é através da discursividade que as palavras produzem sentidos, afinal, estes sentidos são constituídos ideologicamente.

Segundo Orlandi (2015, p. 20), o discurso pode ser concebido como “efeito de sentidos entre locutores”. Dessa forma, podemos afirmar que esses *efeitos de sentido* são oriundos de relações históricas, sociais, ideológicas. Esses efeitos não surgem do nada, surgem porque existem pessoas que se relacionam, que possuem histórias e vivências particulares, que passam a ser compartilhadas e, assim, geram ideologias. Existe sentido, pois existe interpretação.

A questão do sentido é fundamental quando tratamos do dicionário, o qual, para nós, deve ser visto não como lugar de certezas, mas lugar com singularidade histórica, produzindo sentidos, os quais vinculam-se ao fato de que o dicionário pode ser entendido como um objeto linguístico histórico e ideológico.

Assim, Orlandi (1999) defende que a leitura produzida “não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modo de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade” (p. 9). A historicidade é fundamental para compreendermos a constituição dos dicionários, afinal o conjunto de palavras ali encontrado sofre alterações na história, desse modo, Orlandi (2015, p. 46), defende que “nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente”. Visto desse modo, a historicidade se relaciona com a exterioridade, também representada pela história.

Dessa forma, a historicidade presente na linguagem permite-nos compreender que não há um único sentido, não há um sentido já posto; além do mais, o sentido veiculado não pode ser qualquer um, pois deve ser levado em consideração que as interpretações são motivadas pelas condições de produção. Neste ponto de vista, a linguagem é constituída como prática social onde a exterioridade determina os fatores

relevantes para a constituição do sujeito, e o sujeito passam a ser “lugar de significação historicamente constituído” (ORLANDI, 1997, p. 37).

Assim, para analisarmos o discurso que é materializado nos dicionários, devemos partir do princípio de que sujeito do discurso não é capaz de controlar os sentidos como um todo, dado que os sentidos sempre podem vir a mudar dependendo da relação com o outro, relação com tempo e o espaço.

Na AD, o sentido não é visto como algo acabado, pronto, mas sim algo que sempre está em movimento, sempre em curso. Isso se deve ao fato de o sentido ser gerado a partir de determinações sócio-históricas e ideológicas, explicitando a relação entre língua, sujeito e história e possibilitando que o sentido se mova e se (re) produza ao longo do tempo.

Podemos pensar na figura do gaúcho representado nas capas dos dicionários, sempre apresentando as mesmas características, tais como a vestimenta representada pela bombacha e o lenço, a presença da cuia de chimarrão, e de animais como o cavalo e o cachorro. Tal afirmação evidencia que a repetição, “a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo” (ORLANDI, 2015, p. 36), isto é, para que se produza sentido, é necessária essa repetição, é através da repetição que se sustentam discursos que permeiam o imaginário gaúcho.

Tais características relacionam-se com fatores históricos e culturais, determinando um imaginário que perpassa o tempo e atravessa várias gerações, características essas que representam a cultura do gaúcho e trazem um significado naturalizado. Não é por acaso que o gaúcho usa a bombacha, o traje possui um significado, representa a valentia do povo que, em inúmeras guerras *peleou*, hoje considerado um traje social, evidencia o orgulho pela luta dos antepassados, além do orgulho em fazer parte da cultura gaúcha.

Para melhor compreender a questão de produção de sentidos, tomamos, como objeto de análise, três dicionários regionalistas, assim, é possível explicitar outro modo de conceber o dicionário. Petri (2010) coloca que:

É com o intuito de retirar do estatuto de subutilização os dicionários, que propomos desconstruir a imagem de “lugar de interdito da dúvida”, ao qual o dicionário é vinculado, já que não se pode tomá-lo apenas como objeto de consulta da ortografia, pois isso seria reproduzir uma estrutura sem refletir sobre a língua ali veiculada. (PETRI, 2010, p. 19).

Segundo a autora, podemos utilizar o dicionário como fonte geradora de sentidos, não somente como lugar único e exclusivamente para sanar dúvidas quanto à escrita. É necessário que se reflita sobre a língua que aí está representada e não somente reproduzi-la sem ao menos questioná-la, sendo este o nosso objetivo na seção seguinte.

3 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO SOBRE OS DICIONÁRIOS GAÚCHOS

Para o desenvolvimento de nossa análise, partimos do dispositivo teórico da Análise de Discurso, problematizando os efeitos de sentido produzidos por dicionários gaúchos, a fim de pensar os diferentes sentidos que giram em torno do imaginário do verbete gaúcho / gaúcha nessa discursividade. O dispositivo analítico mobilizado para esse estudo constitui-se pelas seguintes noções: discurso, sujeito, ideologia, memória discursiva e efeitos de sentido.

A partir disso, expomos algumas considerações sobre o que está representado nos três dicionários escolhidos¹, sendo eles *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, de Batista Bossle (anexo 1); *Dicionário Gaudério*, de Luís Augusto Fischer e Iuri Abreu (anexo 2) e, por fim, *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (anexo 3). Começamos a análise pelas capas, a qual instaura a primeira impressão do dicionário que possuímos, e, por fim, a análise de alguns verbetes, que se enquadram na temática de gênero.

Destacamos que nossa análise também está pautada nas imagens representadas na capa dos dicionários. De acordo com Orlandi, a perspectiva da Análise de Discurso:

permite trabalhar não exclusivamente com o verbal (o linguístico), pois o restituiu ao fato da linguagem sua complexidade e sua multiplicidade, isto é, aceita a existência de diferentes linguagens o que não ocorre com a linguística, que, além de reduzir fato (de linguagem) à disciplina (que trata da linguagem), reduz também a significação ao linguístico. O importante para AD não é só as formas abstratas, mas as formas materiais de linguagem (ORLANDI, 1997, p.14)

¹ Para a escolha desses dicionários, foram determinantes os títulos, uma vez que cada dicionário traz em seu título uma designação em específico, como: Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, Dicionário Gaudério e o Dicionário Gaúcho Brasileiro.

O primeiro dicionário, *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (anexo 1), apresenta predominantemente a cor amarela em sua capa e na contra capa a cor verde, o que, possivelmente, faz alusão à bandeira nacional brasileira. Há um pequeno quadrado no canto superior direito, quadrado esse na cor branca, cor essa também encontrada na bandeira nacional, da mesma forma que a capa, a cor ocupa pouco espaço. Porém, além das cores representarem a bandeira nacional, as mesmas podem representar a bandeira do Rio Grande do Sul, verde, amarelo e vermelho. Na capa, a cor vermelha tem pouco espaço, somente na forma de uma pequena faixa e na escrita do título do dicionário.

No quadrado branco mencionado, há representada a imagem de um homem pilchado (bombacha, bota, chapéu, lenço), também observamos que o mesmo está montado em um cavalo. A imagem dá a impressão de “movimento”, o homem e seu cavalo estão andando.

O título do dicionário apresenta a palavra “brasileiro” fazendo contraste com a palavra gaúcho, dando a entender que o dicionário é para todo brasileiro e não somente para gaúchos, como seria o “normal” e costumeiro. A escrita do título está representada na cor vermelha, em letra grande, além do mais, o título está escrito de forma quase “fragmentada”, pois a palavra *Dicionário* aparece em cima, abaixo, à palavra *Gaúcho* e, por fim, a palavra *Brasileiro*, dando ideia de algo subdividido, também não são encontrados elementos de ligação entre os termos que compõem o título.

Compreendemos que a designação ‘gaúcho brasileiro’ produz sentidos, os quais nos faz questionar o porquê da necessidade de marcar que é um gaúcho brasileiro. Isso, historicamente, faz ressoar a memória da constituição do gaúcho, uma vez que também se tem o gaúcho do outro lado da fronteira. A designação de gaúcho surgiu, no Rio Grande do Sul e Uruguai, posteriormente, na Argentina, nesse sentido, retomamos uma questão histórica, em que o gaúcho e o *gaucho* destacam-se pelas guerras nas quais lutaram pela manutenção das fronteiras de seus respectivos países.

Apesar da proximidade entre o gaúcho e o gaucho, isso em relação a costumes, cultura e história, acreditamos que no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* houve uma preocupação em marcar que o gaúcho que eles retratam é o brasileiro.

O segundo dicionário a ser analisado é o *Dicionário Gaudério* (anexo 2). Na capa dessa materialidade, podemos observar representada a imagem de um homem

sentado em pequeno banco, o mesmo está pilchado (chapéu, lenço, camisa, bombacha, alpargata) tomando chimarrão e lendo um livro. Ao seu lado está um cachorro e um cavalo, os animais estão curvados de forma que fiquem próximos ao homem, como se quisessem “ler”.

As cores da capa possuem tons mais claros, o centro é branco e as pontas da capa, possuem tom amarelo queimado, porém, na contra capa, as cores e o formato em que estão dispostas, representam a bandeira do Rio Grande do Sul.

Quanto ao título, a palavra *dicionário* está escrita em letra grande na cor preta, já a palavra *gaudério* está em letra maior e na cor verde, dando a entender uma preocupação em exaltar essa palavra. Ao introduzir a palavra *gaudério*, observamos que há um deslocamento na nomeação, deixa de ser o gaúcho para ser o *gaudério* e isso não é algo neutro.

Essa denominação “*gaudério*” faz referência, conforme o que consta no próprio *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, a alguém despreocupado, folgazão e andarengo, como a imagem que está representada no dicionário. Percebemos um ar de “leveza” e despreocupação ao sujeito gaúcho representado nesse dicionário, já os animais que o acompanham possuem uma expressão de curiosidade, o conjunto como um todo, passa a imagem de algo engraçado. O gaúcho representado na capa está com o nariz vermelho, o que soa engraçado. Esse dicionário tem por objetivo ser “um dicionário de humor, pra gargalhar como gaita de animar surungo”, dessa forma, o sujeito do discurso e cenário da capa apresentam características mais descontraídas e engraçadas.

Desse modo, o *Dicionário Gaudério* traz em seu título uma palavra distinta: “*gaudério*” que, conforme definição acima, representa algo divertido, folgazão, o que também é o objetivo do dicionário, fazer rir com as definições apresentadas na obra. Através dessa observação sobre o título, é possível identificar um deslocamento de sentidos ao passar do “gaúcho” para o “*gaudério*”, portanto:

Repetição e deslocamento. Paráfrase e metáfora. Às margens do texto, textos fantasmas diluem as bordas da textualização, seus limites. Desse ponto de vista, um mesmo texto, imaginado, volta sempre, fazendo seu retorno em várias retomadas por um sujeito autor que trabalha diferentes formulações (versões) em uma história inacabada das diferentes textualizações possíveis. (ORLANDI, 2001, p. 96).

Com base nisso, percebemos uma nova designação, um deslocamento em relação à imagem do sujeito gaúcho. Agora, surge a noção do gaudério, trazendo à tona o imaginário de um sujeito com defeitos, além do nome soar mais descontraído, enquanto a palavra gaúcho que vinha sendo utilizada propunha a ideia de um sujeito valoroso e mais sério, aqui em comparação com a noção do gaudério.

O último dicionário, intitulado *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, apresenta características semelhantes aos demais, como a presença do gaúcho montado em seu cavalo. O sujeito gaúcho está vestido com bota e espora, bombacha, guaiaca, lenço, chapéu. O aspecto de sua roupa aparenta ser de alguém que trabalhou, visto que apresenta alguns “fiapos”.

A ilustração da capa, diferentemente das demais, apresenta cores sutis, a pintura aparenta ser de uma aquarela, predominantemente nas cores verde e branco. Quanto ao título, a palavra dicionário está em caixa alta, abaixo temos as palavras “de regionalismos do Rio Grande do Sul”, que estão em negrito, dando destaque ao título.

Com relação ao título, compreendemos que há um deslocamento no enfoque do referido dicionário, uma vez que, enquanto nos outros se enfatiza o sujeito que vive no RS, neste, podemos dizer que o enfoque recai sobre a língua/linguagem, sendo, por isso, um dicionário de regionalismos.

Assim, o Dicionário de *Regionalismos* do Rio Grande do Sul, por meio do título, trata de uma obra que se prende aos interesses de uma determinada região, no caso, Rio Grande do Sul, demonstrando possuir em seu conteúdo algo mais tradicional e formal.

A partir da descrição dos dicionários citados, podemos perceber algumas aproximações entre as obras, como a imagem do gaúcho. Em todas as capas está representado um sujeito gaúcho, que está pilchado (bombacha, lenço, camisa chapéu, bota/alpargata), além do mais, observamos que há um cavalo nas três imagens. Também é possível constatar que o gaúcho está com uma expressão séria e/ou serena nas capas, em nenhuma parece sorrindo, reforçando assim a ideia de que o sujeito gaúcho é sério.

As cores também merecem destaque, pois em dois dos dicionários, as cores que estampam a capa correspondem às cores da bandeira rio-grandense (verde, vermelho e amarelo), demonstrando que a obra se refere ao linguajar gaúcho. Enquanto o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* faz uso da técnica de

aquarela para representar as suas cores, há uma mescla de diversas cores, cores essas que não têm nenhuma representatividade explícita.

Quanto ao movimento realizado pelo sujeito representado nas capas, dois estão montados em um cavalo, destacando quanto o cavalo é importante para o gaúcho, já no *Dicionário Gaudério*, o gaúcho está tomando chimarrão na presença do cavalo e do cachorro, revelando o chimarrão e o cachorro, inseparáveis do gaúcho. A repetição do cavalo nas capas sugere o quão importante este animal foi/é para o gaúcho, pois sempre foi meio tanto para o trabalho na vida do campo, bem como para o lazer, era o meio de transporte de qual dispunham. Em vista disso, o animal passou a ser o fiel companheiro do gaúcho, que o acompanha em todos os momentos.

Nesse ponto, novamente podemos destacar a presença da paráfrase, segundo Orlandi (2007), é através do repetível que se produzem sentidos e a interpretação. Esse processo de repetição está evidente nas capas através de elementos relacionados com a vestimenta, tradição e animais, os quais se repetem, evidenciando que o sujeito gaúcho é marcado e reconhecido por alguns elementos regulares.

Para finalizar as impressões sobre as capas, é interessante refletir o porquê de não haver nenhuma representação feminina nas capas. É possível ver nas capas elementos como cavalo e cachorro, mas não uma prenda, que seria a companheira do gaúcho. A partir disso, o que se percebe é que há vontade de destacar o homem, como sendo o mais importante, o que representa o Rio Grande do Sul. Com base nessa afirmação, podemos dizer que “O gênero não é uma simples categoria analítica, ele é [...] uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável – um poder historicamente enraizado” (WEEKS, 1999, p. 56). Compreendemos, assim, que, as relações que envolvem gênero, são movidas por questões de poder, sendo um dos motivos de a imagem da mulher não receber destaque, ou seja, torna-se silenciada.

Mesmo que não seja de forma intencional, o que está evidente nas capas é uma hegemonia masculina, a representação do sujeito gaúcho, não deixa espaço para a mulher. Além do mais, esse fato só reforça a ideia de superioridade do homem, aqui representado pela imagem do homem gaúcho, cristalizando sentidos em torno de uma imagem que veicula a ideia de um homem forte, macho e valente.

Esses aspectos também são observados a seguir, com a análise dos verbetes gaúcho e china, os quais reforçam esse imaginário que vem se instaurando a partir das capas dos dicionários analisados.

3.1 OS VERBETES E O IMAGINÁRIO SOBRE O SUJEITO GAÚCHO/GAÚCHA: alguns efeitos de sentido

Para análise dos verbetes, optamos em analisar os verbetes gaúcho e gaúcha, essa escolha se deve ao fato de termos observado uma predominância na imagem do gaúcho nas capas, verificando o contrário em relação à mulher gaúcha, para a qual não há nenhum tipo de representação que dê lugar à figura feminina. Essa constatação nos provocou a investigar se o mesmo ocorria em relação aos verbetes.

GAÚCHO:

Definição dicionário 1: Dicionário Gaúcho Brasileiro

1. O habitante ou natural do Rio Grande do Sul; rio-grandense-do-sul. 2. Pessoa do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e **perfeito conhecedor das lidas campeiras**; o homem do campo. 3. Habitante do Uruguai e da Argentina, da região da campanha, de hábitos e origens semelhantes aos do gaúcho rio-grandense. 4. **Hábil cavalheiro, que monta com garbo e elegância.** 5. **Antigamente: caçador de gado, selvagem, contrabandista, teatino, andejo, coureador, desregrado, gaudério, changador**; remanescentes de tribos guerreiras amestiçados com portugueses e espanhóis, nômades, hábeis e valentes cavaleiros. Com o tempo, a partir de meados do século XIX, **a palavra perdeu sua conotação pejorativa, revestindo-se de conteúdo nitidamente elogioso, de homem digno, bravo e destemido. São conhecidas sua coragem e valentia; o amor à liberdade e o apego à terra; o espírito cavalheiresco, nobre e hospitaleiro; a gentileza para com as mulheres; o amor arraigado e constante às tradições.** (p. 265-266) (grifo nosso)

Definição do dicionário 2: Dicionário Gaudério

Esfarrapado que nem poncho de gaudério – Uma das acepções da palavra “**gaudério**”, antiga, **é a de sujeito sem eira nem beira, sem lugar social certo**, de casa em casa, erraticamente vivendo da mão para a boca, alcançando até o significado de **parasita e vagabundo**. Daí a imagem da frase: **o gaudério este tem poncho esfarrapado, pela pobreza geral de sua vida. Para o leitor do século 21, é de ver como mudou o significado da palavra**: hoje em dia, certamente **em função do tradicionalismo e da indústria cultural montada em torno do gauchismo, a palavra passou a designar o sujeito autêntico, valente, verdadeiramente gaúcho** – seja lá o que isso, no fim das contas, signifique exatamente. (p. 208) (grifo nosso)

Definição do dicionário 3: Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul

Habitante do Rio Grande do Sul. || Habitante do interior do Rio Grande dedicado à vida pastoril e **perfeito conhecedor das lides campeiras**. || Habitante da Argentina e do Uruguai, da região de

campanha, com origem e costumes assemelhados aos dos rio-grandenses. || **Primitivamente: Changador, gaudério, ladrão, contrabandista, vagabundo, coureador, desregrado, andejo. Índio ou mestiço, maltrapilho, sem domicílio certo, que andava, de estância em estância, trabalhando em serviços que fossem executados a cavalo.** || **Remanescentes de tribus guerreiras** que habitavam a Argentina, o Uruguai, e o Rio Grande do Sul, às vezes amestiçados com portugueses e espanhóis, nômades, **hábeis cavaleiros, extremamente valentes, desprendidos de tudo, inclusive da vida, valorosos, leais, hospitaleiros, ocupados alguns com as lides da vida pastoril primitiva, outros com roubo de gado ou contrabando,** e outros, ainda, a maioria transitoriamente, **com a vida militar em que exerciam funções de bombeiros, de chasques, de arrebanhadores de gado e de cavalos, de vaqueanos, de isca para o inimigo, ocupando postos que variavam de soldado raso a general.** (p. 211–226) (grifo nosso).

A partir da leitura do verbete *gaúcho*, observamos algumas regularidades quanto a sua definição em relação ao *Dicionário Gaúcho Brasileiro* e o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Os dois dicionários trazem a ideia de que o gaúcho é “o habitante ou natural do Rio Grande do Sul”. Também é destacada a imagem “antiga” do gaúcho, representada por características como “caçador de gado, selvagem, teatino, gaudério, changador, ladrão, contrabandista, vagabundo, coureador, desregrado, andejo”, porém, antes dessas definições, ambos os autores utilizam palavras com *antigamente* e *primitivamente*, dando a entender que essa configuração de gaúcho já não é mais válida.

Também, é destacada a imagem, por assim dizer, atual do gaúcho como sendo conhecido por “sua coragem e valentia; o amor à liberdade e o apego à terra; o espírito cavalheiresco, nobre e hospitaleiro; a gentileza para com as mulheres; o amor arraigado e constante às tradições”, além de “hábeis cavaleiros, extremamente valentes, desprendidos de tudo, inclusive da vida, valorosos, leais, hospitaleiros, ocupados alguns com as lides da vida pastoril primitiva”, essa definição de gaúcho mais “atual” faz parte de outra formação discursiva, pois há uma outra relação com a história, agora, é motivo de orgulho ser designado de gaúcho.

Por fim, na conceituação do verbete *gaúcho* no *Dicionário Gaudério*, há o destaque, primeiramente, para o sujeito gaudério como sendo alguém “sem eira nem beira” ou mesmo “vagabundo”, sendo essa concepção, considerada, como a mais antiga. Posteriormente, há uma acepção mais atual, o gaúcho como sendo “valente”, “autêntico” ou como o “verdadeiramente gaúcho”.

A partir dessas definições acerca do verbete gaúcho, interessa-nos também realizar um contraponto com o que os dicionários apresentam com relação à imagem da mulher gaúcha. Com relação ao verbete gaúcha, não observamos uma definição específica para o feminino do gaúcho, o que se aproxima e se verifica nos dicionários são os seguintes verbetes:

PRENDA:

Definição do dicionário 1: Dicionário Gaúcho Brasileiro

1. Moça gaúcha, mulher jovem. **2.** A namorada; a mulher querida. **3. Mulher com vestimenta típica** (pilcha), que nos bailes forma o par com o peão. **4. Sócia** ou **dependente mulher** de sócio de um CTG. **5. Presente de alto valor; jóia, relíquia.** (p. 414) (grifo nosso)

Definição do dicionário 2: Dicionário Gaudério

Não encontramos definição para *prenda*.

Definição do dicionário 3: Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul

Jóia, relíquia, presente de valor. || **Em sentido figurado, a moça gaúcha.** (p. 395) (grifo nosso)

CHINA:

Definição do dicionário 1: Dicionário Gaúcho Brasileiro

1. A mulher campeira. **2.** Mulher que apresenta certos caracteres étnicos das mulheres indígenas; **mulher indígena.** **3.** Mulher de cor morena carregada; **cabocla.** **4. A esposa ou companheira.** **5. Des.** Em alguns lugares, ainda se usa para **mulher de vida fácil; prostituta.** (p. 148) (grifo nosso)

Definição do dicionário 2: Dicionário Gaudério

Chinoca é que nem coceira: incomoda, mas também dá prazer. – Se vê que a opinião do autor da frase não é das melhores, a respeito das moças. Mas ele tem certa razão, pelo tanto de paradoxal que a mulher causa no homem. Quanto à coceira, nem sei o que dizer. (p. 254)

Definição do dicionário 3: Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul

Descendente ou mulher de índio, ou pessoa do sexo feminino que apresenta alguns dos característicos étnicos das mulheres indígenas. || **Cabocla, mulher morena.** || **Mulher de vida fácil.** || (p. 114) (grifo nosso)

Após a leitura das definições para o verbete *prenda* e *china*, percebemos elementos próximos nas definições. Primeiramente, a *china* é vista como “mulher campeira, mulher indígena, descendente ou mulher de índio, cabocla, mulher morena, mulher de vida fácil”, essas características são percebidas no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* e *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. No *Dicionário*

Gaudério, observamos uma frase preconceituosa, na qual china é comparada à coceira, mesmo incomodado ela pode oferecer prazer.

Em relação ao verbete *prenda*, observamos algumas proximidades entre as definições. Encontramos a definição de *prenda* como representando “uma joia, algo valioso” ou mesmo, “presente de alto valor”, em comparação ao verbete *china*, compreendemos que as definições apresentam características valorosas. Também, a *prenda*, é vista como “mulher jovem, moça gaúcha”. Foi possível observar, no *Dicionário Gaúcho Brasileiro*, que a *prenda*, também é considerada “a sócia ou dependente mulher de sócio de CTG”, essa concepção é a única que coloca a mulher numa situação de dependência e/ou subordinação ao homem. No *Dicionário Gaudério* não encontramos definição para a *prenda*.

Assim, ao analisarmos o verbete *gaúcho*, *china* e *prenda*, é possível identificar diferenças. Primeiramente, o que chama a atenção é o tamanho da descrição de cada verbete, enquanto a definição de *china* e *prenda* é breve, com frases curtas e com pouca explicação, a definição de *gaúcho* é bem extensa, apresentando diversas qualidades do homem gaúcho, trazendo elementos da história para complementar o conceito da palavra. Essa característica pode ser percebida no *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, em que a definição da palavra *gaúcho* ocupa 16 páginas e a de *china* ocupa 6 linhas e três estrofes de poemas.

Na definição de *gaúcho*, observamos o uso de adjetivos que enaltecem a figura masculina, como: hábil, selvagem, gaudério desregrado. Porém, essas características “perdem” a relevância no século XIX, quando adjetivos, como digno, bravo, destemido e valente, passam a definir o sujeito gaúcho. Contudo, adjetivos que identificam o gaúcho como sendo desregrado, contrabandista e teatino, perdem a relevância, e, com o auxílio da literatura e da história, a visão firmada do gaúcho fica para trás.

Com relação ao verbete *china*, percebemos que as definições são bem próximas. A mulher é definida como sendo campeira, indígena, cabocla, esposa/companheira, e, em muitos lugares, é vista como mulher de vida fácil. Como já citado, as definições são bem curtas, agregando poucos adjetivos ao conceito de *china*. É possível constatar que não são encontrados adjetivos que visam enaltecer a figura/imagem da mulher, como ocorre com a definição para *gaúcho*.

No *Dicionário Gaudério*, ao invés de um verbete, são encontradas frases. A frase que elegemos para discutir o verbete *china* é: “Chinoca é que nem coceira: incomoda, mas também dá prazer”. A frase soa preconceituosa, comparando a

mulher com coceira, além de alegar que a mulher incomoda, ainda é visto como objeto que dá prazer.

Nesse sentido, segundo Soares (2006, p. 61) “a forma como a sociedade rotula a mulher, visualizada, sempre, pela ótica da inferioridade, relegada, nas mais diversas e ancestrais culturas, à posição de submissão”, essa afirmação sobre a inferioridade da mulher, traduz o que vemos diariamente nos mais diversos meios. Porém, essa atitude não é algo que surgiu agora, pelo contrário, é algo que está enraizado em nossa sociedade há muito tempo, e ainda é difícil acabar com esse preconceito.

Desse modo, entendemos que o sujeito feminino é visto como objeto. É preocupante pensar que essa definição está sendo representada em um dicionário que serve de consulta a diversas pessoas, fazendo com que discursos preconceituosos continuem a ser propagados. Uma hipótese seria o fato de o autor do dicionário declarar que seu objetivo é fazer as pessoas rirem, utilizando definições (preconceituosas) que possivelmente os leitores achariam graça.

Com base na leitura que fizemos dos dois verbetes, percebemos o quanto o sujeito feminino é minimizado nessa materialidade, assim como percebemos nas capas. Questões como essa parecem insignificantes, porém os sentidos que tais definições produzem reforçam discursos de silenciamento da mulher.

Por fim, concluímos que, a partir dos gestos de interpretação realizados, foi possível compreender que há um determinado imaginário em torno do sujeito gaúcho. Imaginário esse que sofreu alterações com o passar do tempo, mas que, no entanto, há características que prevalecem e reafirmam certa figura do gaúcho. Desse modo, Orlandi ressalta a repetição histórica “que é a que desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário” (2015, p. 52). Além disso, percebemos, a partir da análise das capas, características voltadas a questões culturais (vestimenta, chimarrão, o uso do cavalo), que, foram mantidas ao longo do tempo, enquanto a concepção de gaúcho sofreu alterações, passou de um sujeito com defeitos, para um sujeito modelo de valentia.

Diferentemente, a representação de gaúcha é distinta quando pensamos a gaúcha como sendo a prenda ou a china. Se considerarmos a gaúcha como prenda, encontramos uma definição que a retrata como mulher jovem e gaúcha, que usa vestimentas típicas, que representa algo de valor, porém, se a considerarmos como china, a definição é outra, mais voltada para o lado pejorativo, colocando-a como

mulher de vida fácil. Também, é vista como mulher morena e com descendência indígena. Utilizamos esse comparativo para observar o quanto um verbete pode colaborar para criar um imaginário. Afinal, tanto china quanto prenda são utilizados para designar a gaúcha, porém o verbete china passou a ser usado em sentido pejorativo, sendo utilizado para diminuir a figura feminina.

4 CONCLUSÃO

A partir da análise realizada, com o apoio teórico dos conceitos que norteiam a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso, foi possível realizar alguns gestos de leitura que nos ajudaram a responder as questões propostas no início do trabalho. Foi possível identificar traços marcantes e distintos no que se refere ao imaginário do gaúcho/gaúcha, imaginário esse que se constrói e reforça a questão do gênero. Tomados três dicionários de diferentes épocas e de diferentes dicionaristas, percebemos que há manutenção dos saberes, ou seja, a imagem do sujeito gaúcho perpassa diferentes épocas, mas se mantêm através de elementos, como a pilcha, a cultura do chimarrão, a ligação com o cavalo e o cachorro.

Dessa forma, foi possível identificar diversas características que se assemelham em relação à noção do sujeito gaúcho. Compreendemos que há um imaginário quanto à imagem do gaúcho. Essa afirmação se deve ao fato do sujeito apresentar sempre as mesmas características físicas e culturais, essas características são percebidas nas capas. O mesmo pode ser percebido na análise dos verbetes, quando se pensa na imagem do sujeito gaúcho, nos três dicionários analisados, as características que o definem são praticamente as mesmas, sempre enaltecendo a figura do homem.

Retomamos Orlandi (2015, p. 16), que afirma que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. A partir dessa afirmação, levantamos os principais pontos de destaque em nossa análise. O discurso presente nos dicionários foi nosso ponto de partida, o que motivou a análise; a constituição do sujeito e a ideologia nos ajudaram a refletir sobre a imagem do sujeito que permeia os dicionários.

Cabe ressaltar que esse trabalho nos possibilitou outro olhar sobre as materialidades em questão, não vendo o dicionário apenas como material de consulta, mas sim, como instrumento linguístico, capaz de gerar sentidos. De acordo com Guimarães, o dicionário gera “uma significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real” (GUIMARÃES, 2002, p. 9). Nesse sentido, foi possível promover uma aproximação com o real, evidenciar como elementos presentes nos dicionários estão presentes no dia a dia, e, principalmente, como são geradores de sentidos.

Ademais, é possível relacionar os dicionários com o ensino, pois, o dicionário naturaliza sentidos visto enquanto um objeto histórico e ideológico, podemos

compreender sentidos outros e desnaturalizar o que é posto, questionar. Pode parecer difícil usar o dicionário além de um material de consulta, inclusive, motivar o aluno a ir além dessa pesquisa pontual, porém, segundo Vieira, os dicionários “são livros nos quais procuramos uma informação pontual, mas nem sempre lemos apenas aquilo que procurávamos” (VIERIA *et al.*, 2008, p. 34), sendo assim, é importante promover o uso e atividades que envolvam essa materialidade.

A partir do uso de dicionários em sala de aula, passamos a conhecer e debater sobre a língua, conhecer mais sobre a definição das palavras, inclusive, conhecer o posicionamento do dicionarista, bem como suas motivações para escrever, além das condições de produção. Sendo assim, podemos utilizar, sim, o dicionário como ferramenta de ensino, através de atividades que envolvem o dicionário, é possível promover um novo olhar sobre essa materialidade.

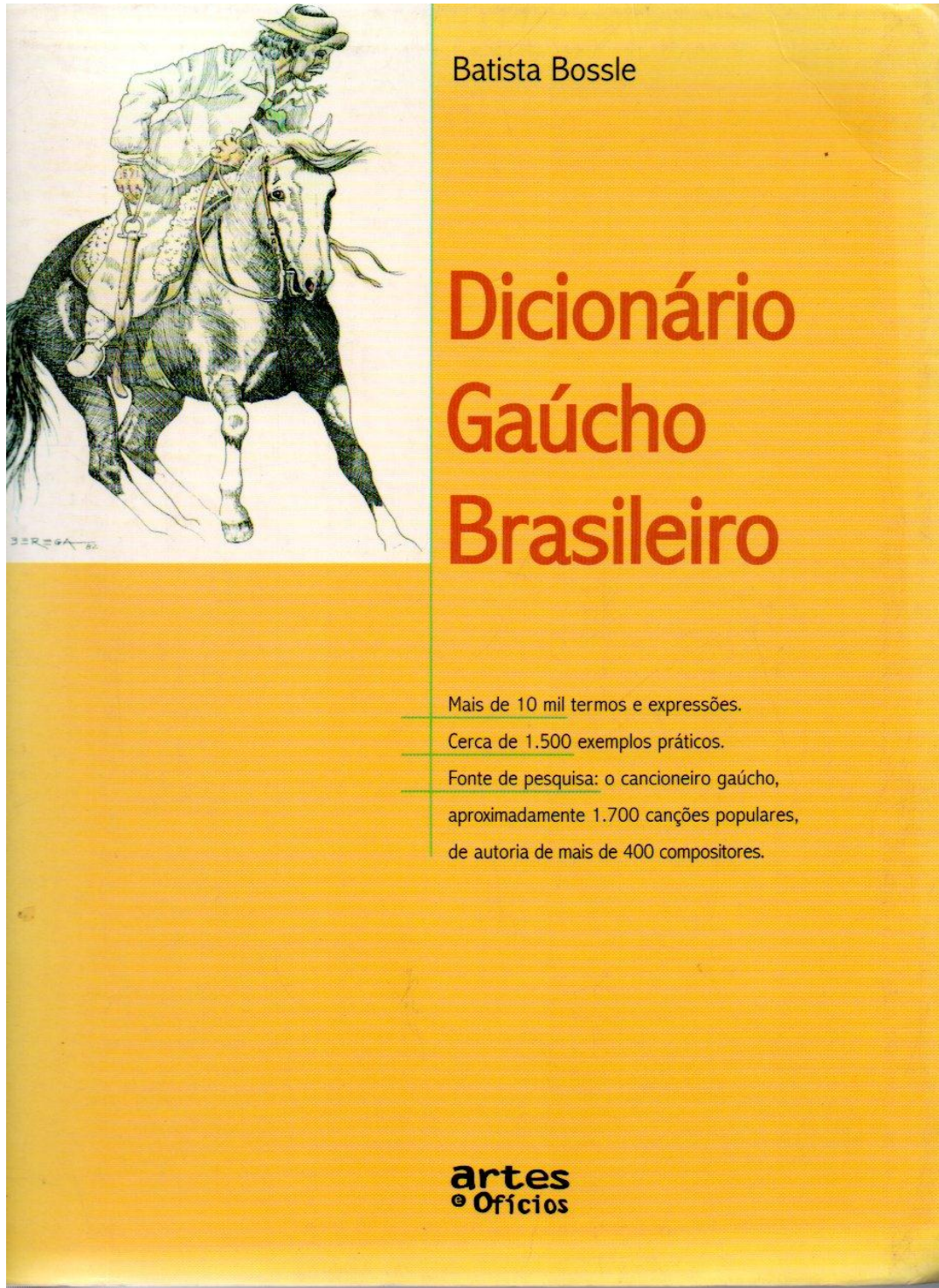
REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Unicamp, 1992.
- BOSSLE, João Batista Alves. **Dicionário Gaúcho Brasileiro**. – Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2003.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas, SP. Pontes, 2002.
- FISCHER, Luís Augusto; ABREU, Iuri. **Dicionário Gaudério**. Caxias do Sul, RS : Belas Letras, 2011.
- NUNES, José Horta. **Dicionários: história, leitura e produção**. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/download/1981/1305>>. Acesso em: 15 de jun. de 2018.
- NUNES, José Horta. **O discurso documental na História das Ideias Linguísticas e o caso dos dicionários**. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1468>>. Acesso: 16 de jun. de 2018.
- NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.
- NUNES, José Horta. **Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas**. Letras, Santa Maria, v. 18, n.2, p.107 – 124, jul. /dez. 2008.
- NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. Apres. De Hugo Ramirez. Porto Alegre, Martins Livreiro Ed., 1984.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. Ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- ORLANDI, P. Eni. **História das ideias linguísticas no Brasil: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 4ª ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- _____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas, Editora Pontes, 4ª edição, 2004.
- _____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª edição, Pontes Editores, Campinas, SP, 2015.
- PETRI, Verli. **Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos**. Santa Maria: UFSM, PPGL Editores, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzida por Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988 (1975).

SOARES, Guiomar Freitas, SILVA, Méri Rosane Santos da e RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Corpo, gênero e sexualidade**: problematizando práticas educacionais e culturais. Rio Grande: Ed. FURG, 2006.

VIEIRA, Adriana Silene; FERNANDES, Célia Regina Délacio; SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. **Organização e uso da biblioteca escolar e das salas de leitura**. Fascículo 4. In: BRASÍLIA. Ministério da Educação Básica. Secretaria de Educação Básica. *Pró-letramento*: programa de formação continuada de professores dos anos iniciais/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: MEC, 2008.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 35 – 81.

ANEXOS**Anexo 1 Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) de Batista Bossle.**

Este é o mais consistente dicionário popular dedicado à "língua dos gaúchos". A produção, buscando recobrir o vocabulário dos tempos com suas ricas peculiaridades, e o extenso contingente de expressões que ao longo do tempo foram consagradas na fala cotidiana do campo.



Milhares de termos trazem sua raiz etimológica (galega, castelhana, italiana, de leto italiano, alemão, africano, inglês, francês, português arcaico).

Muitos termos indicam a região do Estado onde são mais usados. Outros, ainda, especificam a frequência do uso e também a situação do vocabulário (alguns já em desuso, o que demonstra o fôlego de pesquisa do lexicógrafo). Este dicionário, por todas as suas características, afirma-se desde já, como fonte de consulta indispensável. Trata-se, sem dúvida, de um dos mais completos dicionários regionais editados no Brasil.

artes
e Ofícios



Batista Bossle



Dicionário Gaúcho Brasileiro

Dicionário Gaúcho Brasileiro

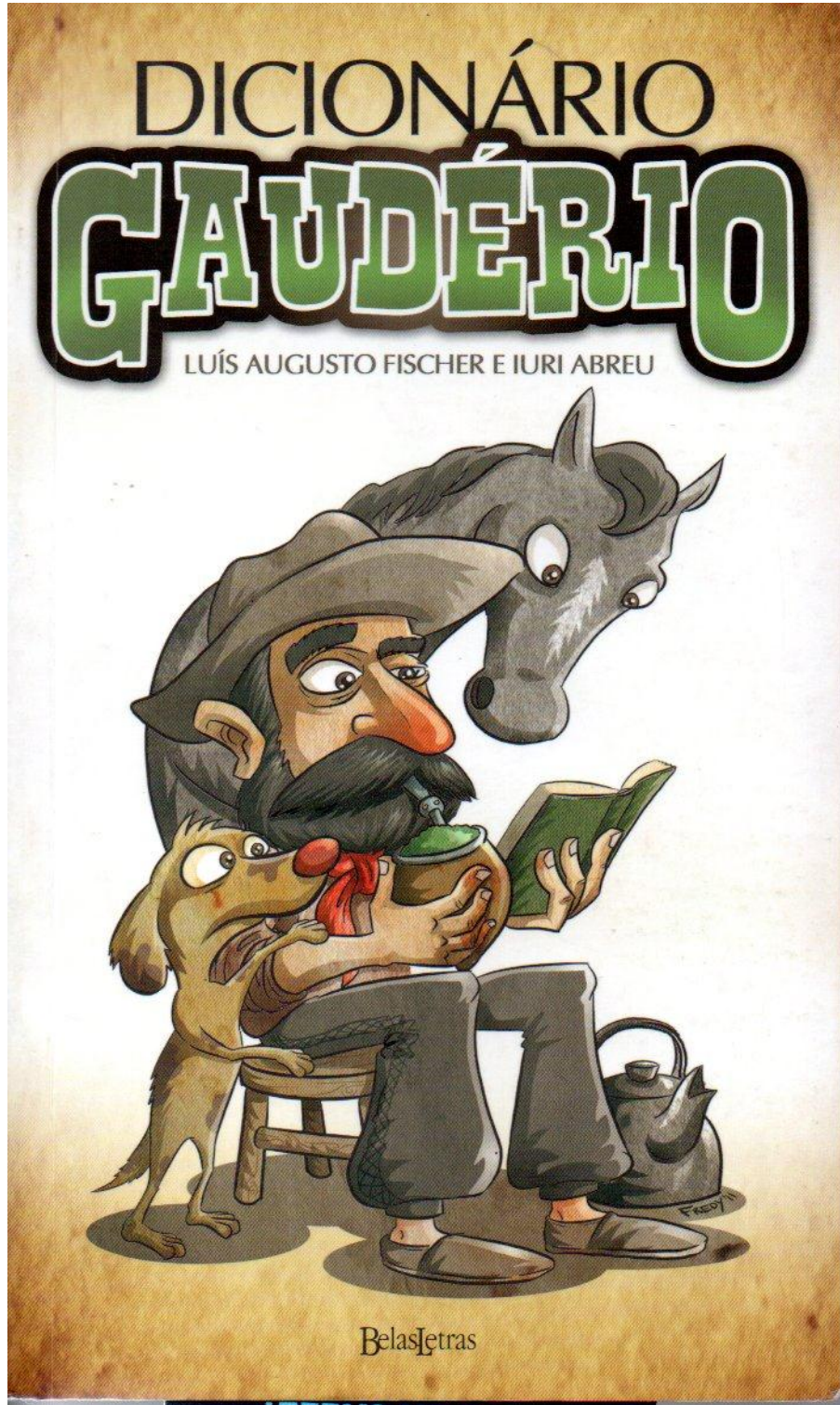
Mais de 10 mil termos e expressões.

Cerca de 1.500 exemplos práticos.

Fonte de pesquisa: o cancionário gaúcho aproximadamente 1.700 canções populares de autoria de mais de 400 compositores

artes
e Ofícios

Anexo 2 *Dicionário Gaudério* (2011) de Luís Augusto Fischer e Iuri Abreu.



Anexo 3 Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul (1984) de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes.

